

Metas para o Brasil não mudam

■ FMI e Banco Mundial dizem que ajustes acertados com o país já prevêm investimentos para reduzir desigualdades

FLAVIA SEKLES
Correspondente

WASHINGTON - A reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird) terminou ontem, deixando como resultado imediato apenas uma ressaca de tanta festa, muito discurso e reuniões. Nos tradicionais discursos de encerramento, tanto o presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, como o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, garantiram que o FMI e o Bird permanecem instituições independentes, embora, pelo menos no discurso, as duas instituições tenham anunciado apoio a programas econômicos comprometidos com o "crescimento de qualidade" e a redução da pobreza.

A reunião foi a primeira depois que o FMI contratou uma empresa de relações públicas para melhorar sua imagem, cujo impacto ficou claro em todas as declarações e entrevistas. Ontem, no discurso de encerramento, Camdessus disse que "nunca houve em uma reunião tanto apoio para colocar a redução da pobreza no coração dos nossos programas".

Metas permanecem - No entanto, disse, isso não significa que o Fundo esteja repensando as metas de superávit fiscal impostas para o Brasil, que permitiria gastos maiores com setores sociais. "Não há razão para mudar o programa agora", disse. "No Brasil, já existe para este ano e para o próximo um programa que faz investimentos substanciais na saúde e na educação. Esperamos que no futuro o país tenha um

crescimento mais direcionado para os pobres, capaz de reduzir desigualdades".

Sobre as preocupações do ministro da Fazenda, Pedro Malan, a respeito dos papéis do FMI e do Bird, o presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, disse que se o Malan está preocupado que o Bird vire o Fundo e o Fundo vire o Bird, isso não é provável. Segundo ele, as duas instituições vão cooperar mais no futuro para apoiar reformas estruturais, como o fortalecimento de sistemas financeiros, visando garantir que as crises, que acabam sendo piores para os pobres do que para os ricos, não se repitam sempre com a mesma violência.

Camdessus alertou que países devem continuar a implementar reformas estruturais a fim de evitar crises no futuro, salientando que "estaremos cometendo um grave erro se acharmos que a volta da calma relativa nos mercados financeiros e a melhoria das perspectivas de crescimento nos levem a acreditar que as reformas não são mais necessárias".

PIB americano - O Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos cresceu 1,6% no segundo trimestre do ano, um pouco a menos do previsto pelo governo. Segundo o Departamento de Comércio, o aumento do déficit comercial diminuiu o ritmo do crescimento econômico entre abril e junho, situando-o no índice mais baixo em quatro anos.

O resultado do segundo trimestre contrasta com os 4,3% de crescimento registrados nos três primeiros meses de 1999. A previsão do Departamento de Comércio



Camdessus (D) e Wolfensohn reforçaram posição contra pobreza

cio era de que o PIB no segundo trimestre seria de 2,3%. Há um mês rebaixou a projeção para 1,8% e, finalmente, fechou o índice dois décimos a menos.

Em outro informe divulgado ontem, o Escritório do Censo afirmou que o índice de pobreza do país de 1998 caiu para níveis de 1979. No ano passado, 12,7% da população americana vivia na miséria absoluta, uma queda em re-

lação aos 13,3% de 1997. Mesmo assim, a pobreza afetou 34,5 milhões de pessoas.

■ O FMI confirmou ontem que o Equador assinou uma carta de intenções com a instituição para poder receber a ajuda financeira de emergência de US\$ 400 milhões (R\$ 764,9 milhões). O empréstimo, no entanto, ainda está condicionado a "ações prévias".

Washington - AP